

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 81

ASSIGNATURAS  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra do Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

## A questão clerical

Terminámos o resumo do excellento romance—*L'Évangéliste*—de Daudet.

Um resumo é sempre incompleto. Aqui accresce que nem nós somos o mais competente para trabalhos d'esse genero, nem os erros typographicos, tão abundantes em jornaes de provincia quando os auctores não revêem os seus artigos, deixam sobressahir a belleza dos trechos litterarios.

Comtudo, e apesar de tudo, quer-nos parecer que a impressão do nosso trabalho foi nitida e até eloquente.

Não perdemos o tempo.

No seu opusculo sobre o caso Calmon, hoje novamente na ordem do dia, o sr. Julio de Mattos, como vimos, escreveu:

«Aos que não conhecem casos d'esta ordem e que não podem tomar d'elles conhecimento nos tratados de psychiatria, erigidos de extranhos termos technicos, a ponto, de passagem, a leitura de um curto livro litterario em que a maravilhosa intuição de um artista de raça deixou traçado, ha dezasete annos, o arido e secco perfil das hystericas mysticas. Leiam as commovidas paginas d'*A Evangelista*, de Affonso Daudet, e acharão estereotypada na loucura affectiva de Éline, a loucura affectiva de D. Rosa Calmon. *E' que sempre e em toda a parte os typos morbidos se repetem*; a questão toda está em ter-se educada a visão mental que a surprehende.»

Assim é.

Como Éline, D. Rosa Calmon foi sempre affectuosa e docil.

Quando a avó Ebsen morria, e a mãe, n'um transporte de saudade e amor, agarrava e beijava a cabeça loira da filha, exclamando: «Amemo-nos muito, minha Linette, não nos separemos nunca» a filha respondia, no tom e na intenção mais convincente do mundo: «Nunca! Tu bem o sabes! Nunca!»

Depois rememorava a vida da avó, uma vida inteira de trabalho e de honestidade, uma vida inteira de sacrificio e de dedicação pela familia, e promettia a si propria ser ella tambem um modelo de dedicação a sua mãe e novamente jurava ama-la muito, muito, não a deixar nunca, nunca!

Nem quiz casar com o filho de Aussandon, porque sendo elle militar teria de o acompanhar de guarnição em guarnição, separando-se de sua mãe.

Da mesma fórma, D. Rosa Calmon sentia um tal affecto pelos paes que tinha ciúmes da ternura d'estes pelas outras irmãs.

Um dia apparece a Autheman, o typo caracteristico da fanatica, sécca, árida, na apparencia suave, no fundo dura como pedra. Anda no seu papel de seduzir creanças e mulheres. Fare-

jou na Ebsen uma rapariga educada e bonita, e como tal apreciavel para o seu rebanho, onde abundam especialmente as mulheres de baixa condição—no protestantismo como no catholicismo, vide os nossos artigos anteriores—velhas e feias, e poz todo o seu cuidado em a captar. Éline resiste ao principio. Indigna-se mesmo quando a mãe lhe dá o livro da Autheman para traduzir. A mãe insiste. Éline entra em relações com a Autheman. Esta mulher tem um alto poder suggestivo, como todos os temperamentos energicos apaixonados por uma idéa. Éline é uma organização passiva, impressionavel, altamente affectiva, onde a emoção vibra ao mais pequeno toque, disposta a receber n'esse sentido toda a influencia estranha. E' uma hystericas, uma desequilibrada no sentido commum mas significativo do termo.

Autheman domina-a desde o primeiro instante. Impõe-se-lhe, subjuga-a, hypnotisa-a, apodera-se d'ella e maneja-a livremente, factos de observação diaria, que todos nós temos visto e conhecido. Todos nós encontrámos entre os nossos conhecimentos, ou ouvimos referir, duas pessoas n'essas condições, isto é, no caso de uma d'ellas ser dominada por outra, da qual recebe a inspiração e a vontade. Felizmente, esta absorpção raramente se exerce em prejuizo da sociedade e da familia, como no caso do hypnotismo religioso.

D. Rosa Calmon encontrou em casa da familia P\*\*\*, miguealista fanatica, uma outra Autheman, que exerceu sobre ella a mesma nefasta influencia.

O primeiro resultado da absorpção de Éline pela *Evangelista* foi a perda da alegria, da tranquillidade, da sociabilidade. Éline ria-se muito, tocava muitas vezes piano, gostava de passear. Passou a não se rir nunca, abandonou o piano por completo, deixou de conviver e de passear.

Com D. Rosa Calmon succedeu a mesma coisa. Antes de entrar em relações e intimidade com a familia P\*\*\*—é o sr. dr. Julio de Mattos quem o diz no seu relatorio—tinha-se confessado uma vez no Brazil, ia á missa, simplesmente, tocava piano, seu prazer favorito, gostava muito dos theatros e dos passeios. Depois da convivencia com a familia P\*\*\* e depois d'esta a levar a casas religiosas, deixou de frequentar os theatros e os passeios, poz de parte o piano, abandonou a sociedade e desprezou a toilette até ao ponto de nem mudar de roupa branca nas occasiões precisas.

Propriamente a Éline. Tambem esta, que era gentil e elegante, desprezára por fim, com-

pletamente, a arte de se vestir!

Éline passou a mergulhar-se em rezas e leituras religiosas. Essas leituras eram como as que ella havia traduzido e que tamanha indignação lhe tinham feito ao principio, as do livro da Autheman: *Uma mulher perdeu o mundo, uma mulher o salvará*, onde se encontravam passagens como estas: «Bom calculo e bom senso é amar Christo e só Christo. Christo não engana, Christo não morre; mas é isso do nosso affecto e reclama-o por inteiro. E' o motivo por que nós fazemos guerra aos idolos e expulsámos dos nossos corações tudo o que possa rivalisar com elle...»; «Pae, mãe, marido e filhos iludem o affecto; em qualquer caso, como são mortaes, prender-lhes o coração é um mau calculo.»

D. Rosa Calmon tambem passou a não fazer outra vida senão rezar, confessar-se, commungar, até ao ponto de crear callos nos joelhos, fazer abluções de agua benta e ler livros religiosos. N'estes livros dizia-se: «Não amar ninguém, senão Deus. Só Deus. Ser indifferente a tudo. *Só Deus*, dando tudo á graça e nada á materia. Desprezar todas as coisas. Só Deus, e a sua vontade adoravel e adorada!»

Éline, que estava para casar, desfez o casamento e repeliu o noivo.

D. Rosa Calmon, que tinha amado um mancebo que morrerá, de quem conservava uma madeixa de cabellos como lembrança, apressou-se a enterrar esta recordação innocente como se fóra um peccado possuil-a.

Éline acaba por fugir á mãe, a quem escreve uma carta dizendo-lhe: «Deus chama-me; vou para elle.»

D. Rosa Calmon foge aos paes, a quem tambem esreve, dizendo-lhes primeiro que quer seguir a vida religiosa para obedecer á vontade e ás ordens de Deus, e, depois, que lastima abandonal-os sem as benções d'elles, aconselhando-os a que a não procurem e a que não façam *ruido sobre o caso*. E ainda no domingo ultimo gritava á porta da igreja da Trindade, no Porto, quando se deu a tentativa de rapto referida pelos jornaes: *Quero ir para Deus, quero ir para Deus!*

Em tudo e por tudo como a Éline do romance de Daudet.

*Mudaram-me a minha filha*, exclamava madame Ebsen de quando em quando.

*Mudaram-nos a nossa filha*, exclamam a miudo os paes Calmon.

Razão tinha o sr. Julio de Mattos para aconselhar a leitura da *Evangelista*, afirmando que quem o lesse encontraria estereotypada na loucura affectiva de Éline, a loucura affectiva de

D. Rosa Calmon. Razão tinha para accrescentar *que sempre e em toda a parte os typos morbidos se repetem*.

Quanto á *Evangelista*, á Autheman, o seu typo é tambem commum a todas as fanaticas e de todas as religiões. Characteristico e exaltado ao mesmo tempo, teimoso, tenaz, melancholico, de que uma boa educação teria feito um elemento de civilização e de progresso e que uma má educação lançou no caminho da loucura religiosa, a mais prejudicial d'ellas todas. E' o tal *grão de loucura*, a que se refere Maudsley, e de que nós tratámos no n.º 66 d'este periodico. Transcreveremos novamente as palavras do illustre sábio inglez:

«Não é raro vêr duas pessoas, collocadas ambas pela hereditariedade sob a mesma influencia prejudicial e, tanto quanto se pôde suppôr, predispostas igualmente para a loucura, seguirem uma carreira bem differente: uma faz fortuna e ás vezes reputação; a outra termina no suicidio ou na loucura. Um fim elevado, para conseguir o qual trabalha tenazmente toda a sua vida, o que lhe impunha, por consequente, abnegação e disciplina de si proprio, foram, sem duvida, para o primeiro d'esses individuos, o esforço salvador. Pelo contrario, esse fim, grande em si ou grande sómente para o homem que elle força a observar-se e a conter-se, faltou ao segundo, que não teve para se desenvolver e alastrar: era uma minucia extrema e sordida, ora a *adopção fanatica de doutrinas ou práticas religiosas excessivas*; ou então os absurdos d'um commercio imaginario com o mundo dos espiritos, uma disposição doentia para o delirio poetico, a propaganda desordenada das theorias sociaes ou politicas as mais exaggeradas.» (*Le Crime et La Folie*, edição franc. de 1885, pag. 255 e 256.)

Na Autheman existia o tal *grão de loucura* hereditaria. O fanatismo da tia que a educou, a decepção do seu primeiro e unico amor sexual pelo pastor protestante que a não quiz logo que a viu pobre, soltaram as rédeas a esse *grão de loucura*, que se desenvolveu e correu, fazendo da Autheman o ente feroz e assassino, que tivemos occasião de examinar.

Loucas hereditarias como essa Autheman são todas as missionarias de saias do catholicismo romano. Como na Autheman, foi a educação fanatica a que as submetteram, uma grande decepção de amor, um escandalo de casa de Cego da Mãe d'Agua ou da Mãe do Vinho, que soltou as azas ao *grão de loucura*, tornando-as propagandistas áridas, séccas, duras, ferozes, capazes de todas as violencias e de todos os

crimes para conseguir o seu fim apaixonado.

Quanto aos processos, os do protestantismo são os do romanismo, são os de todas as religiões e aqui calimos em accordo com o que diz Letourneau na *Physiologia das Paixões*. Fóra identica de proselytismo, de seducção, de propaganda; os exercicios espirituales approximam-se. Vimos o que estes eram para o jesuitismo no n.º 65 d'este periodico. O que são para o protestantismo, dil-o Daudet nas paginas excellentes em que descreve o *Retiro*.

Como affirma Letourneau, e muito bem, os exercicios espirituales e outros processos tem sido sempre os mesmos em todos os tempos e em todas as religiões, com a unica differença dos jesuitas os terem levado a um *requinte de perfeição* até elles desconhecido.

Além d'isso, não ha sociedade protestante que se possa comparar á sociedade de Jesus. Nenhum d'esses *agrupamentos evangelicos* estrangeiros tem a riqueza, o poder, a expansão da terrivel sociedade de Jesus, o que faz d'esta o mais perigoso e o mais odioso inimigo da humanidade.

Mas, note-se, o fundo e a essencia do mal está no fundo e na essencia da propria religião christã. E' aqui que jesuitas e protestantes fanaticos vão buscar o odio á carne e á familia, a submissão absoluta ao tyranno do céu e aos tyrannos da terra.

D'onde se conclue que a grande religião a ensinar é a da honra e a do dever. E não tenham medo, os que acreditam em Deus, de lhe desagradar ensinando essa religião. Se Deus existe, se é um ente de bondade e de justiça, não é com rezas, nem com confissões, nem com agua benta, nem com patifarias de frades, de freiras e de irmãs da caridade, que elle se contenta; mas com a prática d'essa verdade, d'essa bondade, d'essa virtude, d'essa justiça que elle synthetisa.

Tenham todos a certeza d'isso. Deixem os paes de familia ás filhas esse ideal, essa mentira de vida eterna, se quizerem. Mas subtraiam-nas a toda a influencia religiosa, de qualquer ordem e feito, se querem conservar-lhes o juizo e o coração. Exercem a maxima vigilancia, sobretudo, com as raparigas de temperamento impressionavel. Se o sr. Calmon tem sido mais cuidadoso em escolher as suas relações de familia e se abstem dos P\*\*\* e quejandos, não estaria hoje chorando uma grande desgraça. Se logo ao principio usa de maior energia e acaba com confissões semanaes, com transigencias perigosas, e emprega outros meios que lhe estavam indicados e lhe

eram aconselhados, talvez que a desgraça não houvesse ido tão longe e que a sua dôr não fosse tão profunda.

E continuaremos.

**Doente**

Tem passado bastante incommodado de saúde, a ponto de não poder desempenhar as suas obrigações de professor do nosso lyceu, o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Ega.

Sentindo os seus incommodos fazemos votos para que a saúde de s. ex.<sup>a</sup> se restabeleça.

**O CARNAVAL**

Passou, como os mais annos, sereno e bomcheirão, sem entusiasmos dignos de nota. E' que os tempos não correm para folias, dizem os velhos, e nós estamos em achar accetavel esta philosophia chã, que tanto pôde significar magreza de algibeiras, como empobrecimento de sangue: falta de cobres ou apathia.

E assim passou, como tudo o que passa, n'um decrescimento progressivo, n'uma indifferença quasi total.

Apenas no domingo e na terça-feira appareceram duas *cêgadas* e dois ou três mascarados com alguma graça, que percorreram as ruas, perseguidos por uma chuva miuda, arreliante, que de espaço a espaço vinha, impiedosa, acalmar ainda mais o já de si calmo entusiasmo do velho carnaval, que lá passou, n'um decrescimento progressivo, n'uma indifferença quasi total.

Conta de um artista, para uma irmandade pagar:

Por corrigir e enviemar os sete mandamentos.....	700
Por embellezar Poncio Pilatos	500
Por pôr um rabo no gallo de S. Pedro.....	600
Por pôr um dedo no bom ladrão.....	300
Por doar as azas do anjo Gabriel.....	800
Por lhe lavar a cara e dar-lhe cor ao rosto.....	500
Por restaurar o céu velho...	15000
Por atear o fogo das profundas do inferno.....	500
Por avivar as chamas do purgatorio.....	500
Por acrescentar as orelhas da burra de Balaã.....	300
Por pôr dois dentes na queixada de S. Gonçalo.....	500
Por alcatroar a Arca de Noé	700
Por fazer quatro meninos (de cêra).....	800
Sêllo d'esta conta.....	10
<b>Réis.....</b>	<b>75710</b>

Foi passar alguns dias á sua casa de Villa Verde, o digno secretario geral d'este districto, sr. dr. João Soares Feio d'Azevedo.

**Povoação de bigamos**

Entre os habitantes de Laquey, povoação de Lorena, deuse um curioso phenomeno.

Cançados homens e mulheres de suas respectivas esposas e maridos, combinaram mudar uns com os outros.

O mais curioso é que as trocas se realisaram com satisfação de todos.

D'aqui a pouco tornarão a fazer outra combinação, e assim por diante.

D'aqui ao amor livre, não ha mais que um passo.

**Cartas d'Algures**

21 DE FEVEREIRO.

Mal diria eu, escrevendo a minha ultima carta, que no mesmo dia, em que ella fosse publicada, se daria no Porto a odiosa tentativa que os jornaes referem.

Aquillo foi a consequencia da attitude parlamentar dos dois fidalgos. Atraverem-se os dois fidalgos a erguer a voz na camara dos collegas contra um pae, que não quer que associações, prohibidas ainda pelas leis d'este paiz, lhe roubem a sua filha. Fizeram-no sem protesto de ninguém. Logo a impunidad creou novas audacias e os fanaticos do Porto sahiram-se com o atrevimento conhecido.

Ora isto está pedindo pau. Não é mais nada: está pedindo pau. Quem está dentro da razão somos nós. Quem está dentro da propria lei somos nós. E somos nós os injuriados, os offendidos; e contra nós emprega-se a violencia e a força.

Pois é um principio de direito, consagrado nos codigos portuguezes e nos de todas as nações civilisadas, que *a força é dado resistir com a força.*

Resistamos. Acordemos d'esta indifferença, d'este lethargo em que estamos mergulhados.

Sahi d'essa vergonhosa incuria, d'esse triste abandono de direitos, homens de Portugal! Não sois homens. Andae ahí a falar em gloriolas, em valentias, em tradições nacionaes e, no fim de contas, nem sois homens!

Demais a mais, repito, quem está na logica, quem está na razão, quem está no direito, quem está na lei somos nós. Demais a mais!

Os senhores fidalgos ergueram-se na camara dos pares em nome da lei. A lei, dissêram elles pomposamente, dá aos cidadãos com mais de 21 annos, o direito de disporem livremente da sua pessoa. O pae de D. Rosa Calmon, acrescentaram, poz a questão de interdicção. Mas os tribunaes não a acceitaram e nós affirmamos que D. Rosa não está doida.

Já manifestámos aqui, na ultima carta, a nossa admiração pela affirmativa de taes senhores. Elles affirmam que não está doida. Dada a ignorancia geral do nosso paiz e, em especial a dos homens publicos, ministros, deputados, pares do reino, etc, que são de uma incultura vergonhosa, dada essa ignorancia, a affirmativa não admira muito. Como dissêmos, a ignorancia é atrevida. O ignorante tem audacias unicas. E como isto é um paiz de burros, essas audacias repetem-se, passam impunes e até são applaudidas. No fundo, não ha muito que admirar. Comtudo, como o meu temperamento é pouco accommodatio e de pouca resignação, eu admiro-me sempre!

Mas deixemos a questão da loucura e da interdicção. Vamos a um ponto mais claro, mais comensinho.

Para que queriam os dois fidalgos que se mantivesse o direito de maior a D. Rosa Calmon? Para que D. Rosa Calmon podesse ou possa filiar-se em instituições religiosas, que não só constituem um attentado á civilisação, mas uma offensa permanente ás leis d'este paiz.

E aqui estão os puritanos, os respeitadores da lei e do direito!

Vêm a lei quando ella dá a uma mulher o direito de dispôr da sua pessoa. Mas não vêm a lei quando ella prohibe terminantemente a instituição a que essa mulher se destina.

A mulher não pôde estar sob o patrio poder. Mas pôde e deve estar sob o poder tyrannico de uma instituição, que a lei prohibe por causa d'essa mesma tyrannia.

Ora isto é indigno, isto é affrontoso, isto é uma troça.

Eu comprehendia os próceres em nome da lei e até os applaudia

se elles fossem em tudo e por tudo os defensores d'essa lei, como aliás é o seu dever. Mas todos os dias a lei é espesinhada n'este paiz, todos os dias se commettem attentados contra ella, sem protesto d'aquelles cavalleiros. Quando invocam então a lei? Só quando lhes convem? E' o facto. Ora quem procede assim não tem auctoridade para falar nem pôde esperar que o paiz com respeito, o respeito devido a uma sinceridade e a uma convicção.

O pae de sr.<sup>a</sup> D. Rosa Calmon não a pôde reter em casa. Retendo-a, commette um crime. Mas pôdem retel a as instituições religiosas prohibidas pela lei. Mas pôdem essas instituições viver em paz e folgar. Mas pôdem os membros d'essas instituições levar a desordem e a desgraça ao seio das familias. Mas pôdem organisar-se descaradamente e descaradamente alastrar-se os conventos pelo paiz. Mas pôdem ostentar-se nas ruas homens e mulheres com trajes d'ordens religiosas prohibidas em Portugal. Mas pôdem bispos e outras auctoridades ecclesiasticas e civis prestar publica homenagem áquelles figurões, machos e fêmeas, e admittil-os em funcções officiaes e cargos publicos. E contra isso nenhum fidalgo se levanta nas camaras reclamando e protestando! E ahí não ha lei para o sr. conde de Breitandos nem para o sr. visconde de Chancelleiros!

Famosos puritanos! Mas estes fanaticos, estes senhores beatos são illogicos por todos os lados porque se queiram vêr.

O que vale a irmã da caridade? Como é ella irmã da caridade se começa exactamente por não ter caridade com os seus irmãos?

Irmã da caridade e é precisamente com os seus irmãos que não pôde ter caridade! Pois já viram coisa mais absurda, mais monstruosa, menos logica?

E' preciso que o homem seja animal muito estúpido para toller monstruosidades e paradoxos de tal ordem.

Para onde vae esse phantasma de abanadores na cabeça, de corda á cintura e de roziario ao pescoço? Exercer a caridade? Aonde? Para onde, se a melhor e mais santa das caridades tem ella ao pé da porta, a exercer nos velhos enfermos e nas creanças famintas que são suas visinhas?

Aonde? Para onde? Como, se volta as costas a sua mãe que a implora, a seu pae que a supplica, a seu irmão que a chama?

Como é que a humanidade, ainda discute essa monstruosidade?

Eu não comprehendo, a não ser admittindo que o homem é ainda a besta primitiva, que se discutam estas coisas.

Eu admitto os doidos. Ha doidos. Mas os doidos, felizmente, são uma minoria. Como é que a maioria dos homens não trata ainda os doidos simplesmente como doidos?

Deus chama-me. Deus ordena-me. Deus impõe-me a sua vontade. E' o palavriado de todas essas doidas e de todos esses doidos.

Qual Deus? E' esse Deus um ente de bondade, ou não é? Se é, como pôde Deus admittir a dureza com que uma filha abandona á dôr, á afflicção, á miseria, os seus paes e os seus irmãos? Se não é, como é que ha no mundo um homem de juizo que curve a cabeça a um ente imaginario de maldade e tyrannia?

Deus! Deus é um ente de justiça, de amor e de bondade? Então esse Deus o que manda, o que ordena, o que impõe, é que a caridade comece pelos nossos proprios paes.

Cria uma mãe o seu filho n'aquelle apego d'alma que nenhuma palavra humana sabe definir. A mulher, desde que é mãe, não vive senão para o fructo das

suas entranhas. N'ella se resume toda a sua existencia. Uma vida de sacrificios, de abnegação, de sobresaltos. Tem pelo filho se elle se avizinha d'uma janella; estremece por elle se elle desce uma escada; receia, se o vê na rua; chora, se o tem ausente; apavora-se se o vê doente e entre lagrimas e sorrisos, esperanças e temores, alegrias e tristezas o vê progredir e crescer. Tem-o feito e é então, quando a vida se lhe vae enchendo de sombras, quando alveja a nuvem da morte no horizonte da sua existencia, quando se começa a formar aquella grande melancholia do occaso, quando a grande saudade do ente querido que se vae deixar afoga já o coração, que o filho, n'um pontapé d'ingratição selvagem, n'um repellião de barbaro, afoga aquella ancia, rasga aquella alma que só sentia e só vivia para elle, exclamando: «Eu não tenho familia; a minha familia é Deus. Sou de Deus e vou para Deus que me chama.»

Como atura o homem isto? Faça esta pergunta a mim mesmo cem vezes e nunca encontro resposta para ella.

Apregoa-se que a irmã da caridade presta grandes serviços nos hospitaes e nas casas d'educação de creanças.

O Povo de Aveiro já demonstrou, em artigos successivos, o que essas mulheres ensinam nos collegios e o que ellas sabem ensinar. Outros tem demonstrado que ellas nunca pôdem ser boas enfermeiras, para o que basta a sua falta de estabilidade. Mas eu vou por outro caminho.

Como ha de ser boa enfermeira, como ha de ser boa educadora uma mulher cujo coração não bate? Pois a mulher, que não teve dôr dos seus paes, que não conhece a sua familia, que desprezou todas as suas amizades, ha de ter dôr pelos soffrimentos d'aquelles que nunca conheceu e nunca viu?

Os miseráveis, que tal apregoam, estão doidos tambem, ou confiam na estupidez humana?

O hospital é neutro, como a propria caridade. Não olha a religião; não pôde olhar. Mas se n'um hospital catholico entrar um protestante, um judeu, um mahometano, a irmã da caridade respeita o soffrimento e a agonia d'esse infeliz, ou procura antes de tudo cathecisal-o, arrancando-lhe a alma ao inferno, como dizem os fanaticos?

Como ha de respeitá-lo, se não respeitou a sua propria mãe? Como ha de ter caridade com o impio, se ella anda no mundo só para converter impios, se ella foi crudelissima com o que repntava a impiedade do seu proprio pae?

Como ha de essa mulher ser amiga das creanças, comprehendel-as, estimal-as, sentil-as, se ella, como essa Watson de Cardiff, que Daudet aponta n'esse romance que o Povo de Aveiro resumiu, abandona no berço os seus proprios filhos?

Como ha de ella ter caridade com as creanças dos outros, se abandonou os seus irmãosinhos no berço, não attendendo as lagrimas nem as supplicas dos paes? Não. Doidas, sim. Mulheres duras e cruéis, que pisam aos pés os mais elevados sentimentos e os mais nobres principios por um fim allucinado ou apaixonado, sim senhores. Mulheres que servem cegamente uma sociedade de exploração social e politica, anti-humana, improgressiva, anti-liberal e anti-civilisadora, pela qual são capazes de commetter todos os crimes e de se sujeitar a todos os sacrificios, sim, sim, e sim.

Irmãs da caridade, da caridade como ella é, da caridade humana, da que dá conforto e allivio sem indagar de classes nem de sentimentos de qualquer ordem, não, não, e não.

Nunca! A sr.<sup>a</sup> D. Rosa Calmon tem muitos miseráveis no Porto, aos quaes possa dar auxilio, carinho,

consolo e protecção. Dê-lh'o. Entre n'essas mansuetas. Satisfaca o seu coração velando á cabeceira d'esses enfermos, ensinando essas creanças, fechando os olhos a esses moribundos. Vá, se para ahí a impelle uma necessidade moral. Vá, que para ser caridosa não precisa de abanadores na cabeça nem de roziarios ao pescoço. Nem Deus precisa d'isso tambem. Vá, e com isso introduzirá a paz na sua familia, sem dilacerar o coração dos seus paes.

Vá, que é essa a caridade que consola Deus e que faz bem aos homens.

O resto é uma torpe especulação. O resto é um acto de loucura ao serviço d'uma verdadeira quadrilha.

E mais nada.

A. B.

**COMPANHIA LISBONENSE**

Vamos ter este anno na Feira de Março a Companhia Lisbonense.

Ha muitos annos que não nos visitava e a sua ausencia era sentida.

Por unico divertimento, tinhamos ahí só uns fantoches remendados, representando artisticamente um naufragio na Povoal do Varzim, ou uma tourada á hespanhola.

A Companhia Lisbonense será, pois, bem vinda, e, a trazer, como dizem, novos e valiosos elementos, não faremos de grande propheta, predizendo-lhe uma farta colheita de applausos e de... moedas de nickel.

Mas tenham cautella com as notas falsas de 50\$000 réis.

O nosso estimado collega O Norte transcreveu do Povo de Aveiro a ultima Carta d'Algures.

**A proposito da morte da rainha Victoria**

Um jornal francez que costuma ser bem informado sobre os romances intimos da alta roda, dá nos conta de que o que mais tristemente influiu sobre os ultimos momentos da rainha Victoria, não foi tanto a guerra do Transvaal, como uma aventura de ordem muito intima e familiar.

O filho mais novo da rainha, duque de Connaught, andava perdidamente enamorado d'uma formosa e accessivel cachopa.

Esta, cansada de viver fóra dos prazeres da côrte, pediu ao seu principesco amante que lhe abrisse de par em par as portas da aristocracia, facilitando-lhe o casamento com qualquer fidalgo.

Connaught, para ser agradavel á sua bella, deu-lhe um esposo que lhe trouxe o desejado titulo como presente de esponsaes.

Quando a rapariga foi apresentada á rainha, esta soube, apezar de todas as precauções tomadas, toda a urdidura d'esta baixa comedia, achando-a indecente.

Furiosa, convocou immediatamente para Osborne o duque de Connaught e Lord Roberts, exigindo ahí que o marechal, na sua qualidade de generalissimo, ordenasse ao duque de Connaught, official do exercito inglez, que embarcasse immediatamente para a Africa do Sul.

Connaught protestou violentamente, declarando que lhe era extremamente odiosa esta guerra injusta, e exprobanda a sua mãe as suas complacencias com a avidez de Chamberlain e dos imperialistas.

Foi tão violenta a disputa, que Victoria teve uma syncope, e morria quinze dias depois, chorando, não as victorias da guerra do Transvaal—que isso não são coisas que façam commover os corações magestaticos—mas o que ella poderia reputar a ingratição do filho.

Pôde não ser authentico, mas é bem architectado, como romance historico.

SCIENCIAS & LETRAS

J. P. Mahaffy

OS FUNERAES NA GRECIA ANTIGA

Para completar o quadro da vida privada dos Gregos, resta-nos falar dos costumes usados quando morria um membro da familia.

Conservava-se o doente com o rosto velado, enquanto durava a agonia; não lho descobriam senão depois do ultimo suspiro, para lhe fechar os olhos e a bocca. O corpo era lavado, em seguida, por mulheres, parentas do defuncto; depois perfumavam-no, revestiam-no de branco, cobriam-no de grinaldas de flores, e estendiam-no em cima d'uma cama ornada de folhagens, onde collocavam um frasco de perfume. Fazia-se esta exposiçao no vestibulo da casa, ficando o morto com os pés voltados para a entrada. Tinha-se o cuidado de collocar junto da porta, no exterior, um vaso cheio d'agua e um ramo de cypriste para aspergir as pessoas que saiam da casa, afim de as purificar. A exposiçao só durava um dia, durante o qual os parentes e parentas do defuncto, assim como carpideiras profissionais de ambos os sexos se lamentavam em torno do leito funebre. Pelo menos, era o costume espalhado na Asia Menor, onde até se via bastantes vezes os membros da familia arrancarem os cabellos e mutilarem o rosto em signal de lucto. Na Grecia propriamente dita, existiam leis severas contra estas mutilações, e os legisladores tentaram até prohibir os gritos e as lamentações, mas não o puderam conseguir.

Os enterramentos faziam-se ao amanhecer, para que o cadaver não fosse illuminado pelos raios do sol. Numa certa época adoptou-se o habito de metter na bocca do morto uma pequena moeda que devia, segundo se acreditava, servir-lhe para pagar a passagem para o outro mundo; este uso perpetuou-se em algumas regiões da Grecia.

Os homens iam na frente do cortejo funebre, seguindo-se-lhe logo atraz as mulheres. Nas cidades como Athenas, onde as mulheres raras vezes se mostravam em publico, só as mais idosas ou as que eram parentas mais proximas do defuncto, é que assistiam aos funeraes.

Descido o corpo ao tumulo, os assistentes diziam um adens solemne ao que acabava de deixar a terra. Em seguida, havia um festim, e derramavam libações sobre a campa. O lucto era de côr preta ou cinzenta, e de curta duração: em Sparta não durava mais de dõze dias, e em Athenas um mez; todavia, em Réos, uma mãe podia andar de lucto um anno inteiro pela morte d'um filho, ainda mesmo que elle fosse uma creança.

Em Roma, era uso pronunciar um discurso á beira do tumulo d'um cidadão, fosse elle quem fosse; na Grecia, só se rendia esta honra ao que se tivesse assignalado por qualquer acção grandiosa, por exemplo ao soldado morto em defeza da patria. Neste ultimo caso, o corpo era queimado no campo da batalha; as cinzas, recolhidas n'uma urna, eram levadas para o paiz natal do defuncto, onde se celebrava a cerimonia funebre descripta mais acima. A cremação dos corpos,

que remonta á mais alta antiguidade, muitas vezes praticada em tempo de guerra ou em viagem, não era vulgar nos casos ordinarios.

Os gregos consideravam indispensavel cobri-lo com terra, e no caso do corpo não poder ser encontrado, realisavam a cerimonia usual sobre um tumulo vazio.

Nos tempos primitivos, enterravam-se os mortos nas suas proprias terras, na vizinhança da casa que tinham habitado. Mais tarde, só foi permitido enterrar no interior da cidade os cidadãos que tivessem prestado grandes servicos á patria; ergiam sobre o tumulo d'estes ultimos um altar, e rendiam-lhes o culto devido aos heroes. Quanto aos simples cidadãos, enterravam-nos no mais bello e no mais povoadado arrabalde da cidade, geralmente, como em Athenas e em Syrausa, aos lados das estradas principaes. A principio, não levantavam sobre as sepulturas mais do que simples monticuios de terra, depois cercaram estes monticuios com pedras enormes dispostas em circulo; mais tarde, enfim, abriram subterraneos e construíram carneiras para cada familia, sobre os quaes ergueram sumptuosos monumentos de marmore, ornados de pinturas e de esculturas, alguns dos quaes eram quasi do tamanho de templos. Esculpíam no marmore scenas da vida do defuncto; de ordinario representavam-no no momento em que fazia as ultimas despedidas á familia e aos seus amigos. Muitos d'estes baixos relevos são d'uma belleza irreprehensivel, e tocantissimas as scenas que reproduzem.

Era uso offerecer ao defuncto presentes que collocavam junto d'elle na carneira: eram estatuetas de terre cozida, vasos, joias. Nos tempos primitivos, sacrificavam aos mortos os animaes seus predilectos, até escravos, e prisioneiros que enterravam juntamente com elle; os gregos viviam na convicção de que os homens continuavam a interessar-se, no outro mundo, pelas cousas que tinham amado durante a vida.

Em geral, os arrabaldes que serviam de cemiterio, eram logares de passeio plantados d'arvores e ornamentados com flores, muito frequentados pelos habitantes da cidade.

O corpo dos criminosos que tinham soffrido a pena capital, era entregue á familia, ou, em certos casos, precipitado n'um abysmo profundo, a que em Athenas chamavam o Barathro e em Sparta a Ceada. O carrasco, que de ordinario era um escravo, habitava na vizinhança d'este abysmo.

Trad. de

*Chiminas*

Corrigenda.—Na nota n.º 4 ao artigo publicado n'esta secção no n.º 79 do nosso jornal, onde se lê Samnitas, deve lêr-se Anciates.

M.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

—Eu encontrei-os, respondeu Cedric no melhor francez que pôde arranjar, esperando a peor sorte desde o momento em que souberam em poder de quem tinham cahido.

—Olá, sir frade, replicou Testa-de-Boi, as tuas palavras cheiram a saxão que tresandam!

—En fui educado no convento de S. Witholdo de Burton, disse Cedric.

—Hum! tornou o barão; seria melhor para ti que fosses normando, e tambem para o meu intento; mas não tenho mensageiros para escolher. Esse convento de S. Witholdo de Burton é um ninho de mochos que precisa de ser arrasado quanto antes. Não está longe o dia em que o habito não protegerá um saxão mais do que a cotta de malhas.

UM NOVO ATENTADO JESUITICO

O general Miguel de Figueiredo enterrado em Vizeu catholicamente tendo declarado em testamento que queria ser enterrado civilmente.

Acabamos de ter noticias de Vizeu d'um novo attentado jesuitico, tão revoltante como todos elles.

O general Miguel de Figueiredo foi enterrado catholicamente tendo deixado, em testamento, a vontade expressa de querer ser enterrado civilmente!

N'este attentado não houve violencias. Houve a manha, a velha manha jesuitica. O testamento foi aberto quando Miguel de Figueiredo já estava enterrado. E agora a familia lamenta-se enternecidamente de ter conhecido tão tarde a vontade do morto!

Mas se toda a gente, de Vizeu e de fóra de Vizeu, que tinha relações ou conhecimento com Miguel de Figueiredo, conhecia as opiniões politicas e religiosas do illustre militar, como as desconhecia a propria familia?

Pois tendo Miguel de Figueiredo feito testamento pouco antes de morrer, e conhecendo a familia o testamento, porque não foi este aberto logo que houve a noticia da morte? Dadas as opiniões do fallecido, não era de prevêr, de esperar, não era provavel, ao menos, que elle houvesse determinado qualquer coisa sobre o seu enterro? Não são vulgarissimas, entre os proprios religiosos, as disposições testamentarias relativas ao enterro? E como não de estas ser conhecidas se os testamentos não forem abertos logo? Pois a familia de Miguel de Figueiredo é tão parvinha que não possuia estes principios elementares de providencia e de bom senso?

Não. O testamento ficou para depois do enterro propositadamente. E este acto, da parte de uma familia que chamava *querido morto* ao seu chefe nos convites funebres, é verdadeiramente inqualificavel.

Quem conhece os manejos clericaes de Vizeu, que o nosso estimado collega a *Voz da Officina*, d'aquella localidade, vem pondo a nú todos os dias, não tem duvida alguma em admittir esse proposito.

Miguel de Figueiredo era um homem illustre, um espirito culto, possuidor de uma avultada fortuna, na mais alta patente da hierarchia militar, e os actos que

partem d'esses homens teem mais echo e effeito. O registro civil ainda é hoje posto de parte pelos proprios republicanos, quasi todos uns ridiculos caganifancias incapazes do minimo acto de abnegação e energia e por isso a reacção manga com elles. Um general, e um general como Miguel de Figueiredo, a ser enterrado civilmente era caso de sensaçao.

Compreende-se o empenho que o clericalismo, que vae fazendo de Vizeu uma terra imunda, poria em evitar esse escandalo.

E evitou-o. Sem termos nada com as intrigas da localidade, que não nos importam, protestamos vivamente contra este novo attentado á liberdade e contra o ultraje feito á memoria d'um homem illustre.

E eis ali para que a reacção ultimamente decretou que um individuo só possa ser enterrado civilmente quando o declare em testamento!

P. S.—Acabamos de saber que o general Miguel de Figueiredo não se limitou no seu testamento a exarar a sua vontade sobre o seu enterro civil. Fez uma larga affirmacção de principios, repellindo abertamente a religião catholica. Isto não admira nada. Miguel de Figueiredo era um velho republicano, caracter integro e energico, sempre em revolta contra as injustiças dos poderosos do céu e da terra.

O que cada vez admira mais é o procedimento da familia.

Um amigo nosso de Vizeu escreve-nos:

«Não ha enterro n'esta terra que não leve, pelo menos, meio cento de padres. No enterro de Miguel de Figueiredo iam só dois. Quer dizer, a familia, sabendo perfeitamente da vontade do nosso infeliz amigo, teve um bocadinho de remorso e limitou-se a satisfazer só no indispensavel a imposição jesuitica.

E somos nós os intolerantes! Nós, que deixamos livremente enterrar catholicamente os nossos parentes catholicos e que até pomos especial empenho em que as suas ultimas vontades, ainda as mais meticulosas em religiosidade, sejam fielmente cumpridas!

Vejam por isto o que serão as irmãs da caridade, nos hospitaes, com todos os desgraçados que não professam a religião catholica.

Envenenam-lhes as ultimas horas da existencia!

Peço-lhes que tratem vivamente este attentado inandito á memoria do nosso saudoso amigo Miguel de Figueiredo.»

“O NORTE,”  
Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

banho de porcos saxões que se atreveram a cercar este castello de Torquilstone? Dize-lhes tudo o que te acudir sobre a pouca força d'esta fortaleza, ou qualquer coisa que os retenha deante d'ella vinte e quatro horas. Entretanto leva esta carta. . . Mas espera, tu sabes ler, sir frade?

—Nem uma palavra, responderam Cedric, a não ser no meu breviario; e ainda, se n'elle conheço as letras, é porque sei de cór o meu serviço, graças a Nossa Senhora e a S. Witholdo!

—E's justamente o mensageiro que convem ao meu intento. Leva esta carta ao castello de Philippe de Malvoisin; dize-lhe que vae da minha parte e foi escripta pelo templario Brian de Bois-Guilbert, e que eu lhe peço que a mande a York o mais depressa possivel por

Historia da Revolta do Porto

Sahiu o 2.º fasciculo da *Historia da Revolta do Porto*, de João Chagas e do ex-tenente Coelho e que se está assignalando como uma das mais curiosas e brilhantes publicações que de ha muito apparecem no nosso mercado de livros.

Este fasciculo estampa, entre outras interessantissimas photographuras, a reproducção de um fragmento do unico exemplar que existe do manifesto da revolta do Porto. O texto resume a historia dos successos do ultimatum.

Proclamação da Cruz

Por estar tempo de chuva, não saiu na passada quarta-feira esta proclamação. Sairá hoje, se o tempo o permittir.

Leva este anno um andor feito de novo: os *Bem Casados*. E' obra d'um escultor portuense.

Desde que a Ordem se metten a mandar fazer santos novos todos os annos, escusado será esperar coisa limpa.

Mas o povinho gosta, e é quanto basta para glorificação da obra.

Com tal criterio a arte não decae.

Diamantes

O maior diamante que existe, foi encontrado em 1893 nas minas de Kimberley, no dia 30 de junho de 1893, e pertence a um syndicato inglez. Tem o nome de *Excelsior* e pesa 205 gr. Mede 6 centimetros e 619 millimetros de alto por 6 centimetros e 348 millimetros de largo. Foi escoltado até ao Cabo por um esquadrão de lanceiros e d'ali conduzido para Inglaterra n'uma caphoneira de guerra, e guardado n'uma caixa de ferro, revestida de cortiça para, na eventualidade de naufragio, fluctuar e não se perder no fundo do mar.

Está avaliado em 25 milhões de libras!

Por isso elles querem as minas. . .

As grandes nevadas

As copiosas nevadas são geraes em toda a Italia.

Em Roma, o frio é intensissimo.

Em Napoles, a neve é tanta e tão intensa, que já causou algumas victimas.

O Vesuvio apresenta symptomas de erupção. Nos arredores sentiram-se já ligeiras trepidações.

ANNUNCIOS

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

um portador a cavallo Dize-lhe, comtudo, que não se inquiete e que nos encontrará firmes e são por trez das nossas ameias; mas que seria uma vergonha sermos obrigados a occultar-nos assim por um bando de vagabundos que estão acostumados a fugir á simples vista dos nossos galhardetes e ao ruído dos nossos cavallos! Repito-te, frade, inventa um estratagemma qualquer para conter esses patifes onde estão até que os nossos amigos chegnem com as suas lanças. A minha vingança está de véla e é como o faleão, que não dorme senão depois de saciado.

(Continúa.)

(78)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT  
CAPITULO XXIV

Dizendo isto, Ulrica desapareceu por uma porta secreta e Reginaldo Testa-de-Boi entrou no aposento. Cedric, fazendo violencia aos seus sentimentos, fez uma reverencia ao altivo barão, que correspondeu á sua cortezia com uma ligeira inclinação de cabeça.

—Os teus penitentes, padre, fizeram uma grande confissão, mas tanto melhor para elles porque é a ultima que fizeram. Preparaste-os para a morte?

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avelúo e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congéneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bafarrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraga, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

**NOVA ALQUILARIA**

DE

**MAUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continha a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

**AVEIRO**

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

POVO DE AVEIRO

Almanach illustrado

DO

“OCCIDENTE”

Para 1901

Este excellento almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e elegantemente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos, quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja collecção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do «Occidente» para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bossaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataca, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobressahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do «Occidente»*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

**Os Mysterios da Inquisição**

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descobrem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Prezioso brinde a todos os senhores assinantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

**ATELIER DE ALFAETERIA**

DE

**Joaquim Ferreira Martins**  
(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



## BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos de Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

**Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.**

### AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

*Abel Paulo & Pereira.*

83—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

### ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aquí levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, pertumarias (importação directa).

Flores artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Eucadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

### SAPATARIA AVEIRENSE

DE

## Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

### OFFICINA DE CALÇADO

DE

**João Pedro Ferreira**

AOS BALCOES — AVEIRO

—\*—

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.